

EU VOU VOLTAR

JACK CAVANAUGH

Ao se aproximarem da porta do quarto do hospital, Linda e Bob Samele se prepararam. "Mantenha a calma", disse Linda para si mesma, enquanto girava a maçaneta. "Não vai querer deixá-lo pior do que ele já está." Naquela tarde de chuva e neve do dia 23 de dezembro de 1988, seu filho de 15 anos, Chris, estava dirigindo, com cinco amigos, da cidade natal dos Samele, Torrington, em Connecticut, até a cidade próxima de Waterbury. Subitamente, os risos dos adolescentes se transformaram em gritos quando o carro derrapou em um pedaço de gelo e bateu em uma cerca. Três dos jovens, incluindo Chris, foram jogados pela janela traseira. Um morreu na hora, outro se feriu gravemente.

Chris fora encontrado sentado no canteiro entre as duas pistas, com os olhos arregalados diante do rio de sangue que esguichava de sua coxa esquerda. Seis metros adiante estava sua perna esquerda, amputada no joelho por um cabo da cerca. Ele foi levado ao Hospital Waterbury para ser operado. Seus pais tiveram que esperar quase sete horas para vê-lo.

Agora, os olhos de Linda se encheram de água ao ver seu filho na cama do hospital. Bob, um carteiro de Torrington, segurou a mão de Chris.

- Pai, eu perdi a perna - disse o jovem baixinho para seu pai. Bob aquiesceu e apertou sua mão com mais força. Depois de um curto silêncio, Chris acrescentou:

- O que vai acontecer com a minha carreira de basquete?

Bob Samele lutou para controlar suas emoções. O basquete tinha sido a paixão de Chris desde a mais tenra infância e ele já estava se tornando uma lenda na região. Na temporada anterior, como aluno da sétima série do Colégio St. Peter, atingira a média notável de 41 pontos por jogo. Agora, na oitava série, Chris somara um total de 62 pontos em dois jogos intercolegiais.

- Algum dia vou jogar em Notre Dame, na frente de milhares de pessoas - dizia Chris a seus pais com um sorriso. - E vocês vão estar assistindo.

Olhando para o filho, Bob Samele procurou as palavras:

- Sabe, Chris - conseguiu dizer finalmente -, tem muita gente na sala de espera, incluindo o treinador Martin. O rosto de Chris se iluminou. Então, com uma voz determinada, ele disse:

- Pai, diga ao treinador Martin que eu vou voltar na próxima temporada. Vou voltar a jogar basquete.

Chris foi submetido a mais três cirurgias na perna em sete dias. Desde o início, os cirurgiões viram que a confusão de nervos, artérias e músculos rompidos tornava impossível reimplantar o membro arrancado. Chris precisaria de uma prótese.

Durante as três semanas e meia que passou no hospital, ele teve um fluxo constante de visitantes.

- Não se sinta mal por minha causa - dizia Chris, quando percebia pena no olhar das pessoas. - Eu vou ficar bem. - Por trás de sua boa disposição havia uma força de vontade inabalável, forjada pela fé religiosa. Muitos de seus médicos e enfermeiros não entendiam aquilo.

- Como você está lidando com isso tudo, Chris? - perguntou certo dia um psiquiatra. - Você alguma vez sente pena de si mesmo?

- Não - respondeu o garoto. - Não vejo como isso poderia ajudar.
- Não sente amargura ou raiva?
- Não - disse Chris. - Tento ser positivo sobre isso tudo.

Quando o persistente psiquiatra finalmente foi embora do seu quarto, Chris disse a seus pais:

- Quem precisa de ajuda é ele.

Chris trabalhou duro no hospital para recuperar sua força e coordenação. Quando se sentia forte o bastante, encestava uma bola de espuma no aro que um amigo tinha pregado na parede perto da sua cama. Sua intensa terapia incluía exercícios para a parte superior do corpo, por causa das muletas, e exercícios para melhorar o equilíbrio.

Duas semanas depois de Chris entrar no hospital, os Samele apostaram em uma terapia adicional: levaram-no em uma cadeira de rodas para assistir a um jogo de basquete no científico de Torrington.

- Fiquem de olho nele o tempo todo - avisaram os enfermeiros, preocupados com sua reação.

O garoto ficou estranhamente calado ao ser empurrado para dentro do ginásio barulhento. Mas, enquanto ele passava na frente das arquibancadas, seus amigos e colegas começaram a gritar seu nome e a acenar. Então o diretor-assistente do científico de Torrington, Frank McGowan, anunciou nos alto falantes:

- Temos um amigo muito especial aqui esta noite. Pessoal, vamos dar as boas-vindas a Chris Samele!

Estupefato, Chris olhou em volta e viu que todas as novecentas pessoas no ginásio tinham se levantado, gritando e aplaudindo. Os olhos do garoto se encheram de lágrimas. Era uma noite que ele jamais esqueceria.

No dia 18 de janeiro de 1989, pouco menos de um mês depois do acidente, Chris pôde voltar para casa. Para continuar os estudos, ele recebia todas as tardes a visita de um professor particular. Quando não estava estudando, estava no Hospital Waterbury fazendo fisioterapia. A dor física, às vezes muito intensa, passou a fazer parte da sua vida cotidiana. Algumas vezes, enquanto assistia à televisão com seus pais, ele se balançava para a frente e para trás, numa reação silenciosa à dor em sua perna amputada.

Então, em uma tarde gélida, Chris pegou suas muletas com grande esforço e deu a volta na casa até a antiga garagem onde aprendera a arremessar. Colocando as muletas no chão, pegou uma bola de basquete e olhou em volta para ter certeza de que ninguém estava olhando. Finalmente, pulando na perna direita, começou a arremessar a bola na cesta. Várias vezes ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Todas as vezes ele se levantou, pulou para recuperar a bola e continuou a arremessar. Quinze minutos depois, estava exausto. "Isto vai levar mais tempo do que pensei", disse para si mesmo, enquanto começava a lenta caminhada de volta para casa.

Chris colocou sua primeira prótese no dia 25 de março, uma sexta-feira santa. Animado com sua nova perna, perguntou a Ed Skewes, diretor do departamento protético e ortopédico, se aquilo significava que ele poderia começar a jogar basquete imediatamente. Surpreso ao ver Chris falando sério, Skewes respondeu:

- Vamos com calma, um dia de cada vez. - O médico sabia que uma pessoa geralmente precisa de cerca de um ano para andar confortavelmente com uma prótese, quem dirá praticar esportes.

No porão de casa, Chris passou longas horas aprendendo a andar com sua perna artificial. Por mais que fosse difícil arremessar com uma perna só, ele achava ainda mais difícil com a prótese. A maioria de seus arremessos passava longe da cesta e com frequência ele caía no chão.

Depois de um dia particularmente desanimador, Chris perguntou à mãe se ela realmente achava que ele voltaria a jogar.

- Você vai ter que se esforçar ainda mais - respondeu ela. Mas, sim, eu acho que você consegue. - Ele sabia que ela estava certa. O segredo era trabalhar duro e se recusar a desistir.

Chris voltou para o científico de Torrington no começo de abril e imediatamente voltou a se enturmar - menos na quadra de basquete. Depois da aula, os amigos de Chris iam jogar em uma quadra ao ar livre. Durante várias semanas, ele ficou observando do lado de fora, enquanto eles passavam correndo. Então, em uma tarde no início de maio, ele saiu vestido para jogar. Seus amigos, surpresos, abriram caminho enquanto ele entrou na quadra sem hesitar.

Chris começou a arremessar e sentia um arrepio todas as vezes em que a bola entrava na cesta. Mas quando tentava passar com a bola, dando pulinhos na direção da cesta, ou pular para um rebote, caía no chão.

- Vai lá, Chris, você consegue! - gritavam seus amigos. Mas Chris sabia a verdade: ele não conseguiria, não como antes.

Em um jogo durante um torneio de verão, ele subiu com força para um rebote e quebrou o pé da prótese. Enquanto pulava para fora da quadra, pensou: "Talvez eu esteja só me enganando. Talvez não seja capaz de fazer isso."

No final das contas, no entanto, disse a si mesmo que só havia uma coisa a fazer: esforçar-se ainda mais. Começou um programa diário de arremessos, dribles e levantamento de pesos.

Depois de cada sessão de exercícios, tirava com cuidado a perna artificial e as quatro meias suadas que usava para amortecer a prótese. Depois tomava banho, grunhindo baixinho enquanto passava sabão em cima das bolhas. Em pouco tempo, a dor foi amainada pelo sentimento de que ele estava tendo lampejos do antigo Chris. "Eu vou conseguir. E não ano que vem. Este ano!" Na segunda-feira depois do Dia de Ação de Graças, o treinador principal do time do colégio, Bob Anzellotti, reuniu o grupo de garotos, todos nervosos e ansiosos, que competiam por uma vaga no time de basquete júnior do científico de Torrington. Seus olhos se detiveram em Chris Samele.

Durante os dois dias de testes, ninguém se esforçara mais do que Chris. Ele driblava, compunha a defesa, mergulhava atrás de bolas perdidas - fazia o que quer que tivesse que fazer para mostrar a todo mundo que ainda podia jogar. Chegava até a dar dez voltas em torno do ginásio todo dia com os outros - correndo bem mais devagar do que o resto, mas indo sempre até o fim.

Na manhã seguinte ao último treino, Chris juntou-se à multidão para olhar a lista de convocados. "Você fez tudo que pôde", disse a si mesmo enquanto espiava a lista por cima dos ombros dos outros. E ali estava - Samele. Ele estava de volta ao time!

Mais tarde, naquela semana, o treinador Anzellotti chamou seus jogadores para uma reunião.

- O time de cada ano tem um capitão, escolhido pelo exemplo que dá aos outros. O capitão deste ano vai ser... Chris Samele. - Os jogadores explodiram em aplausos.

Na noite do dia 15 de dezembro, apenas oito dias antes do primeiro aniversário do acidente, duzentas e cinquenta pessoas tomaram seus lugares para assistir ao jogo que marcaria a volta de Chris à quadra de basquete.

No vestiário, a mão de Chris tremia ligeiramente enquanto ele vestia a camisa marrom do time.

- Vai dar tudo certo, Chris - disse o treinador Anzellotti.

- Só não espere muito logo na primeira noite. - Chris concordou com a cabeça.

- Eu sei - disse ele baixinho. - Obrigado.

Logo ele estava correndo para a quadra com o resto do time para o treinamento antes do jogo. Praticamente toda a arquibancada se levantou para aplaudir. Emocionados ao verem seu filho novamente com o uniforme do científico de Torrington, Linda e Bob seguraram as lágrimas. "Meu Deus", rezou Linda, "não deixe que ele se envergonhe." Apesar de seu esforço para se acalmar, Chris levou seu nervosismo para a quadra. Durante o aquecimento, a maioria dos seus arremessos bateu no aro.

- Calma, relaxe - sussurrou o treinador Anzellotti. - Não fique afoito.

Quando os jogadores finalmente foram para o centro da quadra para o início do jogo, Chris estava na posição de defesa.

Com a primeira bola, começou a jogar de modo tenso e esquisito. Conseguia levar o jogo, mas seus movimentos eram desajeitados, ele estava sem ritmo. Várias vezes, ao arremessar a bola, ela sequer tocava o aro da cesta. Geralmente, quando isso acontece, os adolescentes nas arquibancadas provocam: "Bola no ar! Bola no ar!" Desta vez, ficaram calados.

Depois de jogar por oito minutos, Chris teve um longo descanso. Faltando dois minutos para o meio tempo, tornou a entrar em quadra. "Vamos lá, Chris", disse ele a si mesmo, "foi para isso que você trabalhou. Mostre a eles que você consegue." Segundos depois, ele conseguiu ficar livre a seis metros da cesta e um jogador do seu time lhe deu um passe. Era uma distância difícil para qualquer um - uma cesta de três pontos. Sem hesitação, Chris se firmou e fez um arremesso alto, em arco. A bola voou até a cesta e passou bem pelo meio dela.

O ginásio explodiu em gritos e aplausos.

- É isso aí, Chris! - gritou Bob Samele, com a voz embargada de emoção.

Um minuto depois, Chris pegou um rebote entre um emaranhado de braços. Pulando, arremessou a bola na tabela. Mais uma vez ela caiu em cheio dentro da rede. E novos aplausos explodiram.

As lágrimas corriam pelo rosto de Linda Samele, enquanto ela olhava seu filho pular pela quadra, com o punho levantado, triunfante. "Ele conseguiu." Chris continuou a jogar muito bem, para delírio da multidão. Só uma vez perdeu o equilíbrio e desabou no chão. Quando soou o final da partida, ele fizera onze pontos e Torrington vencera.

Mais tarde, naquele dia, em casa, Chris deu um largo sorriso:

- Eu fui bem, não fui, pai?

- Você foi ótimo - respondeu Bob, dando um abraço apertado no filho.

Depois de conversar rapidamente sobre o jogo, Chris subiu as escadas para seu quarto, ainda com uma expressão de felicidade.

Seus pais sabiam que, para ele, aquela noite era só o começo.

Enquanto apagava as luzes, Linda se lembrou de uma tarde logo depois do acidente, quando ela estava trazendo seu filho de volta da fisioterapia. Chris

estava calado, olhando pela janela do carro, quando, de repente, quebrou o silêncio:

- Mãe, acho que sei por que isso aconteceu comigo.

- Por quê? - Linda perguntou, surpresa.

Ainda olhando pela janela, Chris disse simplesmente:

- Deus sabia que eu ia aguentar. Ele salvou a minha vida porque sabia que eu ia aguentar.

Nota do editor: Samele, em seguida, entrou para o time principal de basquete do científico de Torrington durante seu segundo e terceiros anos. Chris também jogou simples e duplas no time de tênis do colégio. Ele jogou no time de tênis do Western New England College em Springfield, Massachuserrs, e jogou basquete no Western New England e em ligas de verão na área de Torrington. Samele quer ser treinador de basquete.

Embora o mundo esteja cheio de sofrimento,
também está cheio de superação do sofrimento.

HELEN KELLER